

ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DE PATERNIDADES CUIDADORAS EM PERFIS AUTOBIOGRÁFICOS DO INSTAGRAM

Discursive strategies of caregiver paternity in autobiographical Instagram profiles

Estratégias discursivas de paternidades cuidadoras em perfis autobiográficos de Instagram

Eliza Bachega Casadei¹

Resumo

O objetivo do artigo é mapear operações enunciativas presentes na convocação ao consumo de paternidades bem-sucedidas em perfis autobiográficos do Instagram para pais cuidadores. Nessas produções, os discursos sobre modelos de sucesso masculino são reproduzidos e atuam na construção de um tipo de pai cuidador. Nosso interesse reside em observar a quais modelos discursivos de masculinidade esse pai-cuidador responde e que tipo de relacionamento estabelece com a masculinidade hegemônica.

Palavras-chave: Comunicação. Consumo. Masculinidade. Paternidade. Cuidado.

Abstract

The purpose of paper is to map enunciative operations present in the consumption convocation for successful paternity in autobiographical Instagram profiles for caregiver fathers. In these productions, discourses about successful male models are reproduced and act in the construction of a type of caring father. Our interest lies in observing which discursive models of masculinity does this father-caregiver respond to and what type of relationship does it establishes with hegemonic masculinity.

Keywords: Communication. Consumption. Masculinity. Paternity. Care.

Resumen

El propósito del artículo es mapear operaciones enunciativas presentes en la convocatoria para el consumo de paternidad en perfiles autobiográficos de Instagram para padres cuidadores. En estas producciones se reproducen discursos sobre modelos masculinos exitosos que actúan en la construcción de una especie de padre cuidador. Nuestro interés radica en observar a qué modelos discursivos de masculinidad responde este padre-cuidador y qué tipo de relación establece con la masculinidad hegemónica.

Palabras-clave: Comunicación. Consumo. Masculinidad. Paternidad. Cuidado.

¹ Doutora; Programa de Pós-graduação em Comunicação e Práticas do Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (PPGCOM ESPM), São Paulo, SP, Brasil. elizacasadei@yahoo.com.br | <https://orcid.org/0000-0003-2810-8702>.

Introdução

As decisões em torno do que os filhos devem vestir, comer ou brincar, bem como todos os cuidados que envolvem as práticas de gestação, lactação e atenção fizeram com que, historicamente, as mães tenham se tornado as grandes vedetes do consumo em família e das ações publicitárias voltadas para esse setor (BREAZEALE, 1994). “O homem quando surge na publicidade está geralmente relacionado com o êxito profissional e o sucesso na vida pública” (BARRETO JANUÁRIO, 2014, p. 9). As narrativas autobiográficas sobre pais cuidadores também são historicamente pouco frequentes na cultura, de forma que são escassas as narrativas sobre o que significa ser um pai cuidador.

As normatividades em torno da paternidade, contudo, têm mudado em direção a um maior envolvimento dos pais na criação de seus filhos, deslocando o papel histórico das mulheres como as principais cuidadoras da família. Diante desse cenário, surgiram, nos últimos anos, uma série de ações midiáticas cuja proposta é dar conselhos de paternidade a partir de uma perspectiva autobiográfica e cuidadora. O objetivo do presente artigo é mapear algumas das operações enunciativas presentes na definição desse “pai cuidador”, a partir do estudo de perfis de Instagram cuja proposta é dar aconselhamentos para uma paternidade presente em uma perspectiva autobiográfica. Em comum, trata-se de perfis que representam os pais como cuidadores primários – e não como ajudantes/coadjuvantes de suas parceiras. Com isso, temos como objetivo compreender como são articuladas as estratégias de convocação (PRADO, 2013) para pais, na interseção de múltiplas e dinâmicas maneiras de subjetivação da paternidade materializadas em formas de consumo.

Em outros termos, observaremos como é articulado o consumo simbólico da paternidade em produtos midiáticos a partir da perspectiva dos discursos autobiográficos que deixam suas marcas nas

estratégias de convocação ao consumo direcionadas a esse público preocupado com a paternidade presente. Além disso, observaremos como essas estratégias enunciativas se articulam com outros campos discursivos. Tal como apontado por Hunter, Riggs e Augoustinos (2020, p. 154), “o foco na masculinidade no contexto dos pais cuidadores primários é particularmente importante, pois construções e entendimentos da paternidade estão entrelaçados com construções e entendimentos da masculinidade”. Além disso, “para entender a paternidade contemporânea, é importante que a pesquisa também se concentre na cultura popular e no papel significativo que ela desempenha na produção de discursos que, por sua vez, podem criar pressões e expectativas para os homens” (HUNTER; RIGGS; AUGOUSTINOS, 2020, p. 154). A presente pesquisa entende os perfis autobiográficos sobre paternidade no Instagram como locais em que os discursos sobre modelos de sucesso da identidade masculina são materializados e reproduzidos e, portanto, é necessário considerar as implicações de tais discursos na construção de um tipo específico de “pai consumidor” que está em constante negociação com os discursos sobre masculinidade hegemônica, em intersecção com um discurso testemunhal. Nosso principal interesse reside em observar a quais modelos discursivos de masculinidade esse pai-cuidador responde e que tipo de relacionamento ele estabelece com a masculinidade hegemônica.

A intersecção entre as narrativas autobiográficas e os discursos circulantes da masculinidade nos conteúdos sobre paternidade é interessante na medida em que revela atravessamentos do outro na construção biográfico-midiática dos sujeitos.

Os perfis autobiográficos de pais cuidadores no Instagram

No que concerne aos cuidados com os filhos, os pais raramente foram colocados como o foco dos textos de aconselhamento, já que as mães são culturalmente consideradas as principais responsáveis pelo ato de cuidar. Nos textos, os pais geralmente são colocados como cuidadores “em tempo parcial ou ajudantes com menos competência do que as mães, que têm poucas responsabilidades (...) e se posicionam predominantemente como provedores financeiros” (HUNTER; RIGGS; AUGOUSTINOS, 2020). Para Hunter Riggs e Augoustinos (2020), na literatura de aconselhamento, os pais são convocados a partir do viés da diversão, de forma que o cuidado esperado deles é construído de uma maneira mais animada e lúdica do que em relação a maternidade. Os pais são convidados a participar em áreas em que a mãe não esteja presente e elas não apenas são responsabilizadas pelas tomadas de decisão em relação aos filhos como são incentivadas a “abrir espaço” para que a paternidade possa ocorrer de forma engajada (VUORI, 2009). Mesmo em revistas “direcionadas aos pais e não apenas às mães”, o endereçamento é construído prioritariamente para elas, “reforçando a ideia de que os pais são secundários e não cuidadores primários” (HUNTER; RIGGS; AUGOUSTINOS, 2020, p. 155).

Apesar disso, é possível notar o surgimento de um número significativo de produções midiáticas que propõem outras formas de engajamento masculino com os seus filhos. Dentre essas produções, iremos observar alguns perfis de Instagram sobre paternidade que partem da autobiografia, posto que são conduzidos por homens que tematizam a sua própria paternidade como estratégia de produção de conteúdo. Tais perfis podem ser chamados de autobiográficos porque partem daquilo que Lejeune (1991) irá definir como uma narrativa onde autor, narrador e personagem principal constituem-se em unidade e que, estabelece, com o espectador o pacto de um relato retrospectivo de introspecção em que esse

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

narrador faz uma reflexão sobre as suas experiências, supostamente verdadeiras. Assim, trata-se de produções pautadas pelo pacto biográfico, em que há o “engajamento de um autor em contar diretamente a sua vida (ou uma parte, um aspecto de sua vida) num espírito de verdade” (LEJEUNE, 1991, p. 60). O funcionamento pragmático da autobiografia, para Arfuch (2010, p. 54) “solicita e oferece a seu destinatário mais do que uma especificidade temática”, mas sim, uma autorreferência, um testemunho. Esses perfis, portanto, não se vinculam ao gênero de aconselhamento e, sim, estruturam seus conteúdos em torno de uma vivência, de uma experimentação ativa da paternidade que se constrói no discurso em primeira pessoa.

Uma segunda característica dos perfis estudados é o fato de que eles estruturam suas narrativas a partir de discursos cuidadores. A masculinidade cuidadora é definida por Elliott (2016, p. 241) a partir “da integração de valores de cuidado (...) interdependência e relacionalidade nas identidades masculinas” e é materializada em discussões públicas sobre o conceito de cuidado na vida dos homens e sua integração a formas de subjetividade. Isso inclui um ideal de paternidade mais engajado na criação dos filhos e engloba atividades em que os homens “assumem as práticas de cuidado, especialmente nas famílias ou quando trabalham em profissões de cuidado consideradas ‘femininas’”, bem como relaciona “o conceito de ‘cuidado’ com ‘autocuidado’” (CUNHA *et al.*, 2018, p. 304).

Para Hunter, Riggs e Augoustinos (2020, p. 152), a masculinidade cuidadora não é um contraponto à masculinidade hegemônica, mas uma forma de negociação com sua estrutura. Isso porque o processo de legitimação da construção discursiva de pais como cuidadores primários exige um trabalho narrativo e retórico considerável que envolve um processo de negociação com outras formas socialmente validadas de vivência masculinas. Trata-se, portanto, de textos que operam para “normalizar e legitimar o cuidado

primário dos pais” que, no entanto, “negociam com normas complexas relacionadas à paternidade e masculinidade para atingir esse objetivo” (HUNTER, RIGGS, AUGOUSTINOS, 2020, p. 165).

No contexto de visibilização da masculinidade cuidadora nas representações midiáticas sobre a paternidade, iremos analisar produções que materializam formas simbólicas de consumo da própria paternidade relacionadas a um ideal de cuidado, engendradas em mecanismos de convocação (PRADO, 2013) específicos.

Por operações enunciativas, entendemos os elementos ou marcas textuais que conduzem ao sentido e que dão a um discurso uma feição particular ao materializar estratégias discursivas de convocação a um leitor imaginado (FIORIN, 2019). Partimos do pressuposto de que essas produções estão no imbricamento entre um discurso público enunciável que classifica e traduz formas de subjetivação masculina legitimadas e que se materializa em discursos sobre a paternidade. Nessas produções, é possível observar formas de convocação para um pai consumidor que adquire contornos específicos que “devem negociar com quais normas e ideias estão disponíveis para eles e construir suas próprias ideias sobre o que constitui um pai cuidador primário” (HUNTER; RIGGS; AUGOUSTINOS, 2020, p. 155).

Para que possamos discutir essa questão, é importante delimitarmos o que entendemos por estratégias de convocação. Para Prado (2013), trata-se de um tipo específico de dispositivo discursivo engendrado pelos meios de comunicação que, a partir de estratégias discursivas, fornecem o delineamento de mapas de sucesso e satisfação. As estratégias de convocação são voltadas à lógica do consumo, uma vez que “a convocação cria uma cena, um enquadramento a partir de uma palavra de ordem e um ponto nodal e, portanto, uma totalização discursiva provisória baseada em certos valores de consumo” (PRADO, 2013, p. 65). No caso dos perfis autobiográficos sobre paternidade no Instagram, é

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

possível dizer que eles se adequam como dispositivos convocacionais na medida em que dão visibilidade a fórmulas de sucesso sobre os modos de ser um bom pai, de forma que a própria paternidade bem-sucedida se torna um produto a ser consumido, ao adentrar em estruturas comunicacionais de circulação. O eixo testemunhal reforça e valida essas fórmulas da paternidade bem-sucedida.

Como material empírico, analisaremos os perfis de Instagram intitulados Paizinho Vírgula² e Homem Paterno³. O primeiro é conduzido por Thiago Queiroz e é voltado, segundo sua própria descrição, para a “parentalidade consciente, criação com afeto e disciplina positiva”. Já o segundo é gerido por Tiago Koch e tem como foco “suporte, orientação e acompanhamento para homens com foco na gestação, parto e puerpério”. Os dois perfis, embora tenham propostas diferentes entre si, tem como foco a parentalidade bem-sucedida a partir de uma perspectiva autobiográfica, conforme definida anteriormente.

O recorte do corpus irá levar em consideração as postagens realizadas no primeiro semestre de 2020 no feed dessas páginas. No período, Homem Paterno publicou 140 postagens e Paizinho Vírgula, 193. Iremos analisar apenas os posts que estabelecem interface entre a temática da paternidade e as formas de subjetivação masculina, para que possamos observar como as masculinidades cuidadoras se urdem a outros discursos sobre masculinidade nessas produções. Analisaremos as operações enunciativas a partir das quais as masculinidades cuidadoras dialogam com formas de subjetivação masculina e desenham os contornos de um tipo de pai cuidador.

² Disponível em <https://www.instagram.com/paizinhovirgulaoficial/?hl=pt-br>

³ Disponível em <https://www.instagram.com/homempaterno/?hl=pt-br>

Operações enunciativas em torno do “pai cuidador”

No período analisado, 45% do conteúdo publicado por Paizinho Vírgula refere-se a dicas sobre o disciplinamento dos filhos e 26% a fotografias dos filhos e da família de Thiago Queiroz. A expressiva presença de imagens de sua família em momentos felizes funciona como um mecanismo discursivo que garante a legitimidade do orador em relação a um falar sobre, posicionando-o em um lugar de autoridade sobre a paternidade a partir de um viés testemunhal. Em Homem Paterno, o retrato de pais e filhos perfazem 12% do conteúdo publicado – e nem todos, ao contrário de Paizinho Vírgula, referem-se à família do orador Tiago Koch. Não obstante isso, o recorte autobiográfico é bastante presente, de forma que a autoridade do orador é construída a partir de um viés testemunhal sobre a paternidade, em textos confessionais que se assemelham a uma autoanálise sobre os sentimentos envolvidos no tornar-se pai. O dispositivo testemunhal funciona ao criar uma similaridade de experiências entre orador e leitor, no sentido de estabelecimento de campo comum de angústias e questionamentos.

O fato de serem perfis autobiográficos é interessante na medida em que, como nos lembra Butler (2017), a articulação de uma narrativa sobre o eu é impossível sem a referência a um outro. Assim, “o ‘eu’ não tem história própria que não seja também a história de um conjunto de relações” coletivas, de forma que “as condições sociais de seu surgimento sempre desapossam o ‘eu’”. O assujeitamento a um conjunto de normas sociais de diversas ordens é parte da narrativa do eu, de forma que “não há criação de si (*poiesis*) fora de um modo de subjetivação (*assujettissement*) e, portanto, não há criação de si fora das normas que orquestram as formas possíveis que o sujeito deve assumir” (BUTLER, 2017, p. 29). Narrar a si mesmo passa por elaborar o “eu” em relação a uma audiência real ou imaginária, sem deixar de lado o fato de que “quando o ‘eu’ busca fazer um relato de si mesmo, pode começar consigo, mas

descobrirá que esse ‘si mesmo’ já está implicado numa temporalidade social que excede suas próprias capacidades de narração” (BUTLER, 2017, p. 18). Os apelos por um reconhecimento externo são parte do relato de si, da prática da estilização de si mesmo em relação às normas. A constituição de um eu narrativo não se limita à constituição de um sujeito ensimesmado, mas corresponde à interpelação de um pedido de alteridade – que se constrói não apenas em uma dimensão retórica, mas conectada às próprias partilhas entre os modos legitimados de ser no mundo.

É nessa ótica de relações que o interesse sobre as relações estabelecidas entre as masculinidades cuidadoras e as dominantes se tornam interessantes, posto que, no discurso autobiográfico apresentado por esses perfis, esse diálogo entre uma experiência narrativizada por um “eu” busca apoio constante em uma instância social mais ampla. Essas estratégias discursivas de convocação estão articuladas a partir de uma série de operações enunciativas, descritas e analisadas a seguir.

Os custos da masculinidade hegemônica e a legitimação das masculinidades cuidadoras

Uma das características em comum dos produtos analisados é que ambos estruturam suas produções em torno do ideal da masculinidade cuidadora e da paternidade presente como experiências gratificantes. A legitimidade discursiva de tal lugar de felicidade apoia-se a partir de uma operação enunciativa estruturada por meio da criação de duas isotopias e sua superposição: a relacionada aos altos custos da masculinidade dominante e a consequente valorização da masculinidade cuidadora. Entende-se por isotopia, aqui, a iteratividade de classemas responsáveis pela homogeneidade do discurso (GREIMAS, 1973) e que, nesse caso, se combinam para formar um ethos de pais-consumidores-cuidadores. A aproximação dessas duas isotopias funciona como um mecanismo discursivo que dá

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

legitimidade ao discurso da masculinidade cuidadora, construindo, assim, um reconhecimento discursivo para esse estilo de vida.

Para esses perfis, a masculinidade hegemônica não é sempre positiva do ponto de vista da experiência masculina. Essa primeira isotopia discursiva é materializada em posts como o publicado em Homem Paterno, em 20/04/2020:

É comum numa grande parcela de homens, ver a manifestação da raiva como única forma de expressão possível e permitida. Igualmente comum é ouvir no relato desses mesmos homens a presença de violência e/ou abandono em suas biografias, principalmente pela figura paterna. Junto a isso, vivemos em uma cultura onde ainda existe a crença que ofertar afeto e acolhimento para meninos gera homens fracos e mimados. Nesse sentido, olhar para dentro, acessar a própria história é algo que considero fundamental para a construção de uma paternidade presente, ativa e equitativa, uma paternidade integral. Entendo que pode ser desconfortável e até dolorido acessar essas histórias, mas é necessário.

Em 02/04/2020, Homem Paterno também publica: “se quanto pais somos agentes replicadores, transformadores, qual é legado que queremos deixar? Machismo? (...) Acredito que agora (...) seja uma grande oportunidade para refletirmos e tomarmos consciência sobre a importância de darmos um ponto final na continuidade dessa herança negativa que nos foi entregue”. Trata-se de uma isotopia também presente em Paizinho Vírgula, como nesse post de 22/03/2020: “uma coisa que a quarentena vai ensinar a todos é que ficar em casa com os filhos não é o mesmo que ‘não fazer nada’”.

Nesses posts, a isotopia é construída a partir de uma operação enunciativa baseada em uma ligação de sucessão de vínculo causal que, “sendo dado um acontecimento, tendem a evidenciar o efeito que dele deve resultar” (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 65). Nas postagens, certas

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

expressões da masculinidade hegemônica (como raiva, dominação e falta de cuidados) engendram consequências negativas para a vida do homem e a culpa por essas atitudes é atribuída a uma articulação social ou a um lugar de tradições ultrapassadas.

À isotopia dos altos custos da masculinidade hegemônica é articulada a outra, vinculada à valorização da masculinidade cuidadora. Assim, em um post de 09/03/2020 de Paizinho Vírgula, lê-se que: “só conseguiremos mudar o mundo se mudarmos a forma como criamos os nossos meninos. Sem estereótipos de gênero e com liberdade para eles serem o que quiserem”. Em um post Homem Paterno, de 18/04/2020, a solução para a desconstrução da masculinidade dominante segue um caminho parecido: “Uma conexão empática permite a construção de um espaço para vulnerabilidade. (...) Que fique claro, vulnerabilidade não é sinônimo de fraqueza. Como diz Brené Brown: ‘a vulnerabilidade é a nossa medida que mais precisa de coragem’”.

Essa operação enunciativa estabelece “processos de ligação de esquemas que aproximam elementos distintos” (os altos custos da masculinidade hegemônica e a valorização da paternidade cuidadora), permitindo o estabelecimento de relações de solidariedade entre as duas isotopias, valorizando-as positivamente (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 48). A superposição das duas isotopias tem como efeito de sentido a construção de um lugar no discurso onde ser cuidador é uma característica normal e legitimada para os homens.

O pai-cuidador e a celebração da autonomia do sujeito

A masculinidade cuidadora, no entanto, é estabelecida relacionalmente a outras formas de masculinidade: “como o cuidar é tradicionalmente associado à feminilidade”, isso “garante que as

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

masculinidades dos pais cuidadores primários não sejam questionadas quando estes assumem o papel de cuidador”. Isso opera discursivamente “através do alinhamento das descrições dos pais cuidadores primários com a masculinidade hegemônica” (HUNTER, RIGGS, AUGOUSTINOS, 2020, p. 160). A masculinidade cuidadora, nesse sentido, não se coloca em oposição direta à masculinidade hegemônica, mas mantém relações discursivas de solidariedade e diálogo com esta.

É feita, nesse sentido, uma série de operações enunciativas para normalização dos processos de cuidado primário para os homens. Em Homem Paterno, essa operação discursiva ocorre no uso frequente de vocativos estereotipicamente relacionados ao universo masculino: em todos os posts, o autor se refere ao leitor com o termo “marujo” (“Vá fundo, marujo!”) – o que mostra como a masculinidade é um ponto de partida para envolver os leitores no cuidado primário, centralizando-o na masculinidade hegemônica.

Nos textos, estão presentes recursos discursivos para o reconhecimento dos imperativos de uma masculinidade hegemônica operante. Por exemplo, a postagem de 07/04/2020, de Homem Paterno, diz que “como homens, muitas vezes pensamos que é nosso trabalho salvar ou consertar mulheres. No nascimento, não há salvamento ou conserto... há apenas amor, apoio e testemunho do poder e da força das nossas parceiras”. Ou, a de 26/03/2020, onde lê-se:

Para onde canalizar a energia sexual durante o puerpério? (...) Se a sexualidade nos foi ensinada como beijo > sexo oral > penetração, é claro que haverá obstáculo nesse momento. Por isso, a resposta veio direta: no CUIDADO. Canalizar nossa energia sexual para o CUIDADO, tanto da parceira, quanto daquele bebê que acaba de chegar ao mundo e principalmente de SI. Desenvolver PRAZER em cuidar, em se autocuidar, porque todos os nossos atos são expressão de nossa sexualidade (HOMEM PATERNO, 26/03/2020).

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

Aqui, o narrador, ao reconhecer as normas de masculinidades hegemônicas, marca um lugar de pertencimento, de forma que a operação enunciativa reconhece a validade de uma norma para, na sequência, desafiá-la. Nesse sentido, trata-se de textos que recorrem a valores hegemônicos justamente para se afastar dessa hegemonia.

O diálogo com a masculinidade hegemônica também pode ser feito a partir do uso de operações enunciativas que recorrem a pressupostos e subentendidos, como na postagem de 02/05/2020, de Paizinho Vírgula, na legenda de uma foto do filho brincando com a irmã: “O Dante cresceu e não tem um dia que eu não olhe para ele e pense comigo mesmo: Minha nossa, como eu sou fã desse menino! (...) E sim, um menino brincado de boneca. Ele será um ótimo pai, não tenho a menor dúvida”. Aqui, o personagem-autobiográfico-pai reconhece que brincar de boneca pode não pertencer aos valores da masculinidade dominante para, na sequência, a partir desse reconhecimento, desafiar as normatividades impostas. A mesma ideia é reforçada em uma postagem que diz que “é tão lindo ver esse Dante ‘irmão mais velho cuidador’ que ele tem se tornado cada vez mais. Não me canso de me apaixonar mais e mais pelos meus pequenos”.

O reconhecimento das normas das masculinidades hegemônicas é feito com o objetivo de contestá-las, criando um outro lugar de pertencimento. A argumentação é estruturada a partir de uma posição de negação da paternidade tradicional, de forma que a construção de um lugar discursivo para a masculinidade cuidadora é posta como um ato de afrontamento a uma tradição estabelecida. Há, portanto, uma operação discursiva de dissociação de noções – que consiste na “ruptura com o objetivo de dissociar, de separar, de desunir elementos considerados um todo, ou pelo menos um conjunto solidário dentro de um mesmo sistema de pensamento” (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 48). A dissociação, aqui, toma como seu objeto as tradições parentais e as recusam – o que tem como

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

efeito de sentido a construção de um topoi discursivo onde ser cuidador é uma característica não apenas valorizada para os homens, como um lugar a partir do qual o estabelecimento com o rompimento de uma tradição herdada é possível.

Sobre esse tipo de estruturação argumentativa proposta, Wetherell e Edley (1999, p. 350) chamam a atenção para o fato de que os posicionamentos de rejeição em relação às masculinidades dominantes são, muitas vezes, urdidos discursivamente a partir de um posicionamento individualizado. Isso significa que o não convencional é entendido como um traço de caráter e não como uma estratégia política. Dessa forma, “o não conformista de gênero comercializa os valores hegemônicos de autonomia e independência” e, como consequência “o que está sendo celebrado nesse discurso não é tanto tricô, culinária e choro em si, mas a coragem, força e determinação desses homens como homens para se envolver nessas atividades” (WETHERELL e EDLEY, 1999, p. 351). Tais posições rebeldes podem ser usadas como recurso para legitimação de novas práticas sociais e, mesmo assim, também são recursos discursivos utilizados para celebrar a autonomia do sujeito da narrativa das convenções sociais – que não é mais do que um modo de representação utilizada para celebrar valores da masculinidade hegemônica.

Há, portanto, uma operação discursiva em que o antagonismo à masculinidade hegemônica é apenas aparente: os processos de valorização da masculinidade cuidadora operam a partir de sua aproximação à masculinidade hegemônica, em uma reconciliação de termos contrários: aparentar fragilidade é, na verdade, mostrar força; brincar de boneca é, na verdade, se tornar ótimo em uma atividade tipicamente masculina (ser pai); canalizar a energia sexual para outros lugares é ser ainda melhor na cama; controlar a raiva é ser ainda mais senhor de si e do mundo. Ao posicionar a escolha por ser um pai cuidador como um ato de vontade, potência e quebra de padrões, que está em conformidade com

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

características valorizadas da masculinidade hegemônica, o ato de cuidar é legitimado como uma característica masculina valorizada.

Homens são convocados a prestar cuidados “exclusivamente” masculinos

O diálogo com as masculinidades hegemônicas também pode ser observado em postagens que partem da premissa de que o homem é capaz de prover cuidados de uma forma exclusivamente masculina. Trata-se de uma operação enunciativa a partir da qual os pais não são elogiados por suas habilidades parentais, mas por sua capacidade de trazer qualidades masculinas ao papel de cuidar (HUNTER, 2020). Veja os posts publicados em Homem Paterno, em 11/04/2020 e 15/03/2020, respectivamente, onde se lê:

Protetor, guardião e cuidador. Esse é o papel do homem durante a gestação e parto. Ao resgatar os arquétipos de protetor e guardião, não se trata de reforçar algumas características da ‘caixa do homem’, como ser inabalável, protagonista e impositivo, aquele que impõe limites. Pelo contrário, nosso papel enquanto homem é guardar, proteger para que a mulher possa vivenciar com autonomia e liberdade um momento que é dela. Ou seja, sermos a principal fonte de apoio. Permita-se. Entregue-se. Prepare-se.

A tarefa de um homem que acompanha sua companheira no parto de seu filho ou filha pode não ser muito fácil. Infelizmente, todos nós homens somos ensinados, em algum grau, que o masculino é algo ligado à opressão, superioridade e submissão do feminino. (...) Esfregue os seus olhos e remova o véu que o faz ver uma silhueta de mulher frágil que precisa de ajuda para que você possa enxergar com clareza aquela mulher forte que conta com seu apoio e participação.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

Paizinho Vírgula, em 04/03/2020, usa operações enunciativas semelhantes ao publicar: “vivemos em uma sociedade que ridiculariza os sentimentos e valoriza a violência nos meninos. Criar meninos com afeto, nessa sociedade, não é apenas transformador, mas um ato revolucionário. Eu tenho dois filhos e quanto mais Dante e Gal crescem, eu tenho mais certeza da imensa responsabilidade que temos criando-os”.

Os dois perfis revelam que o cuidado masculino tem objetos específicos. Em Homem Paterno, os cuidados estão mais direcionados às parceiras do que propriamente às crianças: em 86% dos textos esse cuidado é voltado para a parceira e apenas 14% para a criança. No dia 02/02/2020, por exemplo, é publicado um roteiro sobre posições sexuais que podem ser feitas durante a gravidez e, em posts como o de 07/05/2020, é possível ler:

Faço tudo, mas ela não valoriza. Cadê o reconhecimento? ‘Lavo louça, limpo a casa, faço o café da manhã, janta e almoço, troco fraldas, dou banho... mas nunca é suficiente’. (...) Essas frases e sentimentos são comuns a muitos pais durante o puerpério e confesso que comigo não foi diferente (...) A realidade é que pela primeira vez na vida eu estava me colocando no lugar de cuidador e o que eu estava vivenciando era simplesmente sentir na pele o quanto esse lugar, que historicamente é ocupado por mulheres, é de fato um lugar pouco ou nada reconhecido, um lugar de invisibilidade.

Embora haja uma ruptura com elementos da masculinidade hegemônica e uma valorização da expressão de sentimentos e de uma nova postura diante dos filhos, a lógica de um pai que cuida da mãe para que ela possa cuidar melhor dos filhos mantém-se inalterada. Homem Paterno está voltado, prioritariamente, para o relacionamento do casal, para as formas em que o pai pode prestar auxílio à sua parceira e muito pouco é dito sobre o relacionamento pai-filho, o que deixa entender que a maior parte da

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

estruturação de cuidado em relação à criança será feito pela mãe. A proposta é direcionar dicas sobre como o novo pai pode lidar de uma forma positiva com o puerpério da companheira. Os homens são convocados a um cuidar que se direciona antes de forma extensiva à família como um todo do que em relação às atividades do dia a dia da criança.

Em Paizinho Vírgula, o objeto de cuidado não é a mãe/parceira: os filhos são o objeto central do cuidado, mas isso também não se reflete em todos os elementos da vida da criança. O pai-autobiográfico é representado em duas ocasiões: a saber, (1) quando ele dá dicas de disciplinamento para crianças; (2) quando ele oferece ideias de atividades lúdicas a serem realizadas com elas. Ao observarmos essa forma de cuidado pai-filho, é possível entrever que ela dialoga com estruturas tradicionais da literatura de aconselhamento para pais, que relega ao homem o campo da disciplina e da diversão (HUNTER; RIGGS; AUGOUSTINOS, 2020). É possível também notar uma ruptura em relação a uma série de materiais, na medida em que tal disciplinamento leva em consideração uma paternidade não-violenta que coloca os sentimentos em primeiro plano. Por exemplo, o post de 10/06/2020 coloca: “Evite dizer isso: não foi nada, pare de chorar, você está bem! E tente dizer isso: estou vendo que você está triste, filho, é normal se sentir triste às vezes, estou aqui por você”. Não obstante isso, o diálogo com discursos que colocam a disciplina dos filhos como uma atividade parental que pertence à masculinidade hegemônica legitimam o orador e seu discurso.

Ainda, em Paizinho Vírgula, o senso de humor e a diversão são elementos importantes do ato de cuidar, de forma que o orador é frequentemente retratado em situações de brincadeira com os seus filhos. Dentre os posts de divulgação de produtos, 75% deles referem-se a jogos de tabuleiro. Em uma postagem de 19/03/2020, Queiroz afirma que “Se você já me acompanha há algum tempo, sabe que algo muito

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

importante para mim e para os meus pequenos é o momento do jogo” e conclui “se eu pudesse dar um conselho para você, seria: jogue RPG com os seus filhos”.

Assim, “a capacidade de usar e manter um senso de humor em situações críticas - ao contrário de estar preocupada demais, muitas vezes entendida como prestação de cuidados tipicamente feminina - é algo destacado como positivo nos estilos de cuidar” masculino (ARAÛNA, TORTAJADA, WILLEM, 2018, p. 95).

Em ambos os perfis, não é possível encontrar postagens que mostrem os pais se envolvendo em outras relações de cuidados como limpeza ou alimentação. Assim, “apesar de estarem constantemente convocando seu público para uma paternidade mais ativa” esses personagens “demonstraram mais atividade nas esferas da educação e do lazer” com poucos relatos de experiências “referentes ao cuidado no que tange à alimentação, à saúde e às tarefas domésticas, por exemplo” (HENTSCHKE, 2018, p. 104). Os cuidados dos pais estão em uma área temática específica: no caso de Paizinho Vírgula, está no disciplinamento dos filhos e nas brincadeiras; no caso de Homem Paterno, nos cuidados com as mães (sugerindo que, com esses cuidados voltados para a mulher, elas estarão em um solo mais seguro e confortável para cuidar das crianças). Para Hunter, Riggs e Augoustinos (2020, p. 164), esse repertório do cuidar que determina uma zona de cuidados especificamente masculina estabelece que é possível que os pais assumam um papel tradicionalmente feminino e que, ainda assim, sejam considerados masculinos.

A partir dessa distinção de um ato de cuidar que é tipicamente masculino, é estabelecida, nessas produções, a isotopia de que as mães ainda têm uma hierarquia superior nas atividades de cuidado. Um outro elemento importante de negociação entre os diversos modelos de paternidade propostos nos produtos analisados refere-se ao fato de que, muito embora modelos de masculinidade hegemônica sejam ora reconhecidos ora negados, a maternidade é estabelecida a partir de um cuidar diferente, de forma

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

que as mães ainda adquirem um compromisso superior com o cuidado. Em tais produções, os pais cuidadores assumem esse papel “dentro dos limites normativos da masculinidade, pois sempre permanecerão distintos e inferiores às mães” (HUNTER, RIGGS, AUGOUSTINOS, p. 165). Isso pode ser observado em postagens como a de 30/01/2020, em Homem Paterno:

Sim, marujo, você terá que provas que sabe cuidar. É possível que você encontre dificuldades em achar espaço no cuidado do seu filho ou filha. (...) Do nosso lado, nunca ocupamos esse lugar de cuidador, o que pode reforçar a ideia que não temos repertório para exercer tais demandas. O que de certa forma é verdade. Sendo objetivo, se você quer mudar esse cenário e deseja ocupar seu lugar, você terá que demonstrar com todas as suas forças que você está disposto e preparado para isso, ou pelo menos se preparando.

Em Paizinho Vírgula, por exemplo, há o post de 28/02/2020:

Eu, como pai, tenho a obrigação de falar sobre isso. Esse soco no estômago vai para vocês, papais: não é porque ela carrega tudo tão bem que não é pesado. Se você pudesse ver essa carga invisível nas costas da mãe, você continuaria “só ajudando”? Acontece que essa carga não é invisível não. É você que não quer ver. Mas uma vez vista, jamais será desvista. Vamos fazer a nossa parte?

Hunter, Riggs e Augoustinos (2020, p. 165) interpretam tais engendramentos discursivos a partir da perspectiva de que, nesse tipo de literatura de aconselhamento, para estabelecer o diálogo entre as masculinidades cuidadoras e as hegemônicas, os textos “sugerem que é aceitável e masculino que os pais sejam cuidadores primários, no entanto, apenas se não tiverem muito sucesso no papel”.

Considerações finais

As formas do cuidar masculino vinculado à paternidade assumiram diferentes formas discursivas nos meios de comunicação ao longo da história até a emergência de uma masculinidade cuidadora preocupada com uma relação mais presente e emocional entre pais e filhos, desvinculado dos aspectos financeiros do sustento. Assim, é possível observar um embate discursivo sobre os sentidos legitimados socialmente sobre o que significa ser pai e quais são suas formas de cuidado, em um constante diálogo com as fronteiras definidoras da masculinidade hegemônica. Ao mesmo tempo que “o cuidado constrói masculinidades associadas a ele (...) os discursos sobre masculinidade redefinem noções de cuidado” (ARAÛNA, TORTAJADA, WILLEM, 2018, p. 84).

Sob a perspectiva dos discursos autobiográficos, isso explicita que os relatos de si são um pedido de reconhecimento ao outro, construídos em consonância com as normas que estão implicadas na luta por valoração social. A construção autobiográfica e os discursos socialmente construídos sobre o papel de pai cuidador mostra como o eu autobiográfico negocia sua subjetividade necessariamente com um outro socialmente determinado. Assim, “mesmo que a moral forneça um conjunto de regras que produz um sujeito em sua inteligibilidade, ele não deixa de ser um conjunto de normas e regras que um sujeito deve negociar de maneira vital e reflexiva” (BUTLER, 2017, p. 21).

Nos produtos analisados, o cuidado assume diferentes formas de diálogo com essa masculinidade hegemônica, materializadas em operações enunciativas específicas, desenhando formas legitimadas de consumo da paternidade. Ali, é possível observar que o actante narrativo pai-consumidor-cuidador articula sua legitimidade a respeito de um saber sobre na esfera testemunhal em uma perspectiva da autoanálise. Além disso, o discurso é estruturado a partir de algumas isotopias recorrentes como os altos custos da

masculinidade hegemônica e a valorização das masculinidades cuidadoras. Estas, no entanto, se estruturam em constante diálogo com as concepções tradicionais de paternidade e masculinidade, de forma que o cuidar se apresenta não somente como uma situação de assistência, mas também como um rompimento com uma ordem estabelecida, um chamado à ação e à rebeldia, um exercício pleno de autonomia do sujeito em relação às normatividades sociais - um elemento importante da legitimação da própria masculinidade hegemônica. Esse diálogo também é materializado quando os homens são convocados a prestar cuidados que são exclusivamente masculinos e colocam as mães como “cuidadoras diferentes” dos pais. Entender as articulações discursivas postas em operação na figura do pai-consumidor-cuidador, portanto, é observar as materializações por meio das quais os homens são convocados a distintas formas de subjetivação masculina, a partir de articulações midiáticas testemunhais.

Referências

- Araújo, N.; Tortajada, I.; Willem, C. (2018). “Portrayals of Caring Masculinities in Fiction Film: the Male Caregiver in Still Mine, Intouchables and Nebraska”. *Masculinities and Social Changes*, n. 7, v. 1, 82-102.
- Arfuch, L. (2010). *O Pacto Autobiográfico*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Barreto Januário, S. (2014). “Homens em revista: gênero, cultura e imagem nas representações masculinas na publicidade”. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, 37, Foz do Iguaçu. *Anais...* Foz do Iguaçu.
- Breazeale, K. (1994). “In Spite of Women: Esquire Magazine and the Construction of the Male Consumer”. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, v.20, n.1, 1-22.
- Butler, J. (2017). *Relatar a si mesmo*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Cunha, V., Rodrigues, L., Correia, R., Atalaia, S., Wall, K. (2018). “Why are caring masculinities so difficult to achieve? Reflections on men and gender equality in Portugal”. In Aboim, S; Granjo, P; Ramos, A. *Changing Societies: Legacies and Challenges*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 303-331.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

Eco, U. (2011). *Lector in Fabula*. São Paulo: Perspectiva.

Elliott, K. (2016). “Caring masculinities: theorizing an emerging concept”. *Men and Masculinities*, v. 19, n. 3, 240-259.

Fiorin, J. L. (2019). “Operações enunciativas do discurso da extrema-direita”. *Discurso & Sociedad*, v. 13, n. 3, 370-382.

Greimas, A. J. (1973). *Semântica estrutural*. São Paulo: Cultrix: Edusp.

Hentschke, C. F. (2018). *Representações da paternidade contemporânea em blogs do Brasil e de Portugal*. Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Nova de Lisboa.

Hunter, S.; Riggs, D. W.; Augoustinos, M. (2020). “Constructions of Primary Caregiving Fathers in Popular Parenting Texts”. *Men and Masculinities*, v. 23, n.1, 150-165.

Lejeune, P. (1991). El pacto autobiográfico. In: Dobarro, Á. N. (Org.). *La autobiografía y sus problemas teóricos*. Barcelona: Antropos, 47-61.

Perelman, C.; Olbrechts-Tyteca, L. (1996). *Tratado de Argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes.

Prado, J. L. A. (2013). *Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais*. São Paulo: EDUC.

Vuori, J. (2009). “Men’s Choices and Masculine Duties: Fathers in Expert Discussions”. *Men and Masculinities*, v. 12, n.1, 45-72.

Wetherell, M.; Edley, N. (1999). “Negotiating Hegemonic Masculinity: Imaginary Positions and Psycho-Discursive Practices”. *Feminism & Psychology*, n. 9, v. 1, 335-356.